



MERCADO CENTRAL HOJE: MISTURAS DE FORMAS, CORES E TEXTURAS¹

Victor Hugo da MATA²

Guto MUNIZ³

Centro Universitário Newton Paiva, Belo Horizonte, MG

RESUMO

O Mercado Central de Belo Horizonte, construído na primeira metade do século XX para abastecer a população com produtos hortifrutigranjeiros é, atualmente, importante centro comercial, não apenas de produtos alimentícios, como também do artesanato e gastronomia, tido por isso como um local privilegiado para se manter contato com a cultura mineira. Assim sendo, este ensaio fotográfico procura mostrar, através das formas, cores e texturas, o caráter plural da cultura mineira que, no Mercado Central se manifesta através da enorme variedade de produtos de diferentes procedências.

PALAVRAS-CHAVE: cultura, fotografia, mercado central, minas Gerais

INTRODUÇÃO

O que motivou a realização deste ensaio fotográfico foi, em síntese, a idéia de que assim como um texto literário, uma peça teatral, uma música, uma pintura, a fotografia é capaz de exprimir a experiência do fotógrafo com os objetos, pessoas e o ambiente que o cerca, sendo, também, ao mesmo tempo, um documento, já que uma fotografia é da ordem da memória e por isso capaz de registrar, de maneira plural, um tema num dado momento em que ele se manifesta.

Em relação à idéia de registrar de modo plural elementos de uma cultura, vale lembrar que, de acordo com MENEZES (1993) existem dois tipos de pluralidade, se a primeira diz respeito ao que se repete insistentemente, como aquela que se dá de maneira concreta na produção em série do universo industrial. Já a outra idéia de pluralidade está vinculada à dimensão qualitativa dos seres e objetos, ou seja, o múltiplo neste sentido é constituído de seres e objetos qualitativamente diferentes um dos outros. Seria assim, um universo marcado pela heterogeneidade e multiformidade, sejam de elementos, cores e

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Publicidade e Propaganda, modalidade Fotografia Publicitária.

² Aluno estudante do 6º. Semestre do Curso de Publicidade e Propaganda, email: vhmatta@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor da disciplina Fotografia Publicitária. e-mail: guto.prof@newtonpaiva.br

texturas. O universo da cultura, mais que isso da vida, é uma constante produção de diferença, mesmo porque não se pode desconhecer a biodiversidade que a caracteriza, sendo a criação fotográfica, ato criativo humano é a produção intermitente de novas formas, pela singularidade mesma que nos diferenciam de outros seres.

De maneira que, tendo em mente essa segunda idéia de pluralidade, com este ensaio fotográfico buscou-se instaurar o tempo da fotografia, que é o tempo na fotografia, tempo da observação atenta a todos os elementos qualitativos que permeiam o universo do Mercado Central de Belo Horizonte, suas formas, suas cores e suas texturas.

2 OBJETIVO

Este ensaio fotográfico visa, por meio da fotografia, mostrar como a pluralidade de formas, cores e texturas contribuem para fazer do Mercado Central de Belo Horizonte um espaço da manifestação das culturas de Minas Gerais.

3 JUSTIFICATIVA

Desde os primórdios, a fotografia foi utilizada como uma maneira peculiar de registro das experiências dos indivíduos. Segundo Kossoy (2007) é graças à variedade enorme de utilizações da fotografia que a memória humana e seus feitos têm se mantido desde o advento da fotografia, a aproximadamente 160 anos. Em relação à memória Pollak (1989) nos diz que deve ser enfatizado “força dos diferentes pontos de referência” que a estrutura e a torna capaz de ser inserida na memória coletiva da qual fazemos parte. Tais pontos de referência podem ser, entre outros, os locais de encontro, como o Mercado Central de Belo Horizonte, já que ele é um lugar de memória, isto é, nos lembra as tradições e costumes e mesmo modos de interação com o artesanato e com a gastronomia.

De maneira que, não importa o objeto a que se refere uma fotografia, a questão principal é que persiste na matéria fotográfica a sua capacidade de capturar o tempo. Dito de outro modo, a fotografia é capaz de reter a memória em suporte e preservá-la, como provam a diversas fotografias de que nos dão testemunhos de diferentes manifestações vinculadas à vida em sociedade.

Entretanto, se a fotografia, como foi dito, relaciona-se com a memória coletiva, tangencia não menos com a memória individual pessoal, já que tal memória pode ser fixada por meio da fotografia, haja vista a aparência dos seres e objetos, em momentos peculiares

de sua existência, mantendo a lembrança, como por exemplo, os retratos de família de um tempo já distante, “imagens silenciosas”, como afirma Kossoy (2007).

Espaço recortado, fragmentos, tempos paralisados, um pedaço da vida congelado no seu fluir como imagem, a fotografia possui, na perspectiva de Kossoy (2007), dois tempos. O primeiro diz respeito ao “tempo da criação”, momento singular da tomada do registro do vivido em determinado momento e lugar. É o momento em que o fotógrafo fixa intencionalmente um determinado acontecimento, paralisando-o. Neste caso, se tal acontecimento for vinculado à nossa história, a fotografia de que dela resulta pode servir para rememorarmos ou lembrarmos e neste sentido ocupa um lugar importante no contexto da memória cultural de uma sociedade.

O outro tempo se refere ao tempo da representação de uma realidade concebida enquanto lembranças marcantes em nossas vidas e colecionadas como registros particulares ou como registros iconográficos, podendo se apresentar como instrumento de trabalho e de investigação do fotógrafo. Este tempo da representação é onde os liames da imagem, sob o processo de codificação formal e cultural é capaz de fazer a fotografia persistir em sua trajetória de longa duração que, nas palavras de Kossoy (2007) consegue entrelaçar o efêmero e o perpétuo. Mas o caráter perpétuo é relativo, já que:

A trajetória pode ser interrompida, basta refletirmos sobre o destino final reservado às fotografias pessoais, do homem comum, ou mesmo às imagens históricas, registradas nos mais diferentes suportes, destruídas ou desaparecidas dos arquivos públicos. (KOSSOY 2007, p. 133).

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Este ensaio foi produzido no Mercado Central em três etapas. Na primeira etapa, processo apenas observatório, analisei o local em busca dos elementos que representariam por meio da imagem a minha significação sobre o que é o Mercado Central. Ao transitar pelos extensos corredores com exótico cheiro de condimentos, peças artesanais oriundas dos distintos cantos mineiros e de pessoas de todos os tipos, cada qual carregado de sua particularidade, pude identificar as possíveis peças que potencializariam a minha criação.

Na segunda etapa, munido somente de uma câmera Nikon, modelo D70s, digital, objetiva 18x70 mm, e com a certeza de onde dispararia meus clicks, dispensei equipamentos técnicos para uma produção fotográfica (flash, tripé, fotômetro, etc), com o

intuito de retratar de forma simples, pude a cada disparo materializar minhas idéias a cerca do que pretendia evidenciar naquele espaço.

No terceiro momento, deu-se a seleção e edição das fotos, algo que me demandou tempo, pois o resultado final foi inúmeras fotografias. Terminada a seleção cheguei ao número de dez fotografias escolhidas para representar o meu olhar sobre o Mercado Central de Belo Horizonte. A única interferência que as fotografias sofreram em algum software de edição foi somente para redimensionar o tamanho e resolução para este trabalho. Todo equilíbrio de cores e luz foi dado pela regulagem de diafragma e obturador da câmera.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Optei pela exploração do plano detalhe, uma vez que o intuito do ensaio foi retratar de uma forma bastante orgânica as formas, cores e texturas presentes no local, a fim de evidenciar a sensualidade que permeia o universo do Mercado Central e, mais que isso a profusão de produtos advindos de variados focos da cultura mineira e mesmo de outros lugares.

O plano detalhe permitiu, não somente evidenciar os objetos a que se refere à fotografia, mas a qualidade das formas, cores e texturas, convidando o espectador a uma relação sensorial com as imagens.

A frontalidade foi perseguida, a fim de inserir o espectador no contexto, deixando-o frente a frente com o objeto retratado servindo, única e simplesmente, como mediadora deste encontro.

A iluminação, intencionalmente natural, foi utilizada para captar cada detalhe de forma que a sensualidade proposta fosse nua e crua. Sensualidade esta que não teria a mesma fidelidade caso houvesse a interferência de um complexo esquema de iluminação artificial.

6 CONSIDERAÇÕES

No que diz respeito sobre a fotografia ser uma experiência entre fotógrafo, objetos e pessoas, utilizei desse recurso para registrar, materializar minha idéia sobre a mistura de formas, cores e texturas que caracterizam o Mercado Central de Belo Horizonte.

O Mercado Central, como já foi dito, foi construído na primeira metade do século XX para abastecer a população, e com o passar do tempo se tornou um importante centro

comercial, arrisco a dizer ainda, que é também uma grande referência cultural para nosso estado.

A pluralidade do Mercado Central na qual procurei retratar, não é aquela que se dá através de uma maneira industrial e sim vinculada à dimensão qualitativa dos seres e objetos diferentes um dos outros.

Portanto, concluo que através do estudo que fiz para executar este ensaio, passando pela produção até chegar à escolha das fotografias que deram forma a este trabalho, que tudo o que produzi pode ser uma pequena prova em meio às grandes possibilidades de registro, visto que essa é uma amostra particular do meu olhar como fotógrafo e apreciador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **A mensagem fotográfica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. In: BARTHES, ROLAND. O óbvio e o Obtuso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia**. Cotia/São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

MENEZES, Paulo. **A cultura no plural**. Revista Síntese Nova Fase. Belo Horizonte, v. 20, n. 63, 1993.

Mercado Central de Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.mercadocentral.com.br/>>. Acesso: 10 abr. 2010.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista de Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3. 1989, p.3-15.